



NOVOS HORIZONTES

Antologia em Prosa e Verso

Organizadora
Raphaela Nicácio

Organizadora
Raphaela Nicácio

Novos Horizontes

Antologia em Prosa e Verso

Edições
Novo Horizonte
Recife, 2020

Copyright © 2020 by Raphaela Nicácio (Org.)

Capa

Pintura de Claude Monet “Caminhada no penhasco em Pourville”, 1882.
Design/ projeto gráfico: Raphaela Nicácio

Revisão

Ana Prosini e Lourdes Nicácio

Editoração eletrônica

Lourdes Duarte

Produção editorial

Edições Novo Horizonte

(Rua do Cupim, 132, Graças, Recife-PE. CEP: 52.011-070)

www.edicoesnovo horizonte.com

E-mail: edicoesnovo horizonte@gmail.com

Impressão

Luci Artes Gráficas

Avenida Presidente Kennedy, 1539, Peixinhos, Olinda-PE

N945 Novos horizontes: antologia em prosa e verso. / Raphaela
Nicácio (Organizadora), [et al.]. – Recife: Edições Novo
Horizonte, 2020.

194 p.

Dados biobibliográficos p. 179 - 193

ISBN 978-65-990184-2-8

1. Literatura. 2. Verso. 3. Prosa. 4. Literatura brasileira. I. Nicácio,
Raphaela. II. Título.

82-1(81) CDU (1999)
Fabiana Belo - CRB-4/1463

*À memória de todas as vítimas
da Covid-19.*

*Com seus pássaros
ou a lembrança de seus pássaros,
com seus filhos
ou a lembrança de seus filhos,
com seu povo
ou a lembrança de seu povo,
todos emigram.*

Alberto da Cunha Melo
(In. *Poesia completa*, Record,
2017, p. 192)

*E ainda que o céu do meu país
ameace chover
ameace escurecer
sairei sem velas e fósforos
e esta certeza de não me perder.*

Lourdes Nicácio e Silva
(In. *Caminho das Águas ao Sol*,
Novo Horizonte, 2018, p. 74)

Sumário

Apresentação.....	11
Aglaura Catão	15
Alzira Paiva Tavares	17
Ana Prosini.....	19
Antônia Campos.....	22
Ariadne Quintella.....	24
Carlos Jales	27
Carlos Rangel.....	30
Cássio Cavalcante	32
Célia Labanca.....	34
Ciro Rickli.....	37
Deborah Romana Augusta Rodrigues	38
Dilson Luz Filho	41
Eduardo Gomes.....	42
Eneide Pizza.....	44
Fátima Quintas	46
Fernando Farias.....	48
Fernando Tavares	51
Glória Albuquerque.....	53
Graças Silva Rickli	54
Ivanilde Moraes de Gusmão	56
Jacira Barros.....	59
Jacques Ribemboim	62
João DiCarvalho.....	64
José Augusto	66
Josinaldo Maria da Costa	69
Leny Amorim.....	71
Letícia Quintella.....	73
Lourdes Nicácio e Silva.....	76
Lourdes Sarmento	77
Lúcia Regina Malaquias da Silva	79
Lúcia Sousa.....	83

Luciana Black	86
Luzilá Gonçalves Ferreira.....	89
Marcos Carneiro.....	92
Márcia Matos	97
Maria Lúcia Lauria Chiappetta	99
Maria de Lourdes Soares Ornellas.....	101
Maria do Céu de Ataíde Vasconcelos.....	104
Maria do Socorro Costa	106
Maria José Torres Klimsa	108
Maria Lúcia de Araújo Nogueira	113
Maria da Conceição Alves de Lima	116
Maria Nilza da Conceição Lima	119
Marlindo Pires.....	122
Milton Júnior.....	124
Moisés Monteiro de Melo Neto	127
Murilo Crêspo	135
Nelson Brandão.....	137
Olímpio Bonald Neto.....	141
Paulo Gustavo	143
Paulo Salles Cavalcanti.....	144
Petrúcia Camelo	147
Priscila Prosini	149
Rachel Carrilho	151
Rayssa Sales Gaspar	153
Renato Maroja.....	154
Ricardo Moreira (Testão).....	157
Riverdes Coelho Falcão	166
Rosângela Ferraz.....	168
Salete Rêgo Barros.....	171
Telma Brilhante.....	174
Turmalina Teles.....	176
Valdene Duarte.....	180
Dados Biobibliográficos.....	183

Apresentação

Construa Novos Horizontes

*Raphaella Nicácio**

“...Oh! Barqueiro, detém teu remo, vira-te atrás e olha nos olhos daquele que vive no centro da tua barca!”, *O Livro dos Cantos Potentes* – Egípcio.

Os gregos já advertiam: “conhece-te a ti mesmo”. A solidão não é estar desacompanhado do outro e sim estar em falta de si mesmo. A pandemia nos trouxe não apenas o isolamento máximo do convívio social. Nesse contexto surgiu a proposta da **Antologia Novos Horizontes** que reúne 63 autores de vários estados como Alagoas, Ceará, Bahia, Maranhão, Paraíba, Paraná e Pernambuco. Os textos foram escritos em prosa ou em verso, fictícios ou não, com a temática em torno do positivo (amor, gratidão, fé, paz, saúde, esperança, solidariedade, entre outros valores éticos e morais) para um novo planeta que surge após a doença.

O projeto foi iniciado em maio de 2020, no ápice do número de infectados pelo coronavírus (Covid-19). Fui recebendo os textos à medida que acompanhava os clamores coletivos e as expectativas de que a humanidade passaria por transformações auspiciosas de ser mais fraterna, justa e altruísta.

“Aquele que faz o seu melhor, faz tudo o que se pode esperar dele”, Helena Petrovna Blavatsky.

Meses depois, escrevo esta apresentação, no final de outubro do referido ano, com a pandemia ainda em andamento e eis que constato a “Inflação do Ego” tão bem definida pelo criador

da psicologia analítica, Carl Jung. E o Ego extrapolou todos os limites... Enquanto a dor batia na porta do vizinho, apressavam-se para proteger a si e aos seus, armazenar de forma frenética alimentos e medicamentos sem preocupação com o que restaria para outro ser humano. No princípio, todos acreditavam que era só esperar, no conforto do lar, uma rápida solução vinda através de um salvador, um líder ou de um milagre; depois se procuraram culpados (governos, nações, indústrias farmacêuticas etc.); vieram, então, os oportunistas que exibiram gestos nobres sob os holofotes da mídia e os empresários que lucraram em dobro, aumentando valores de produtos, serviços; houve, ainda, os que aproveitaram o cenário para despachar funcionários sem nenhuma clemência, afinal existiam os auxílios emergenciais do Governo Federal. Todos ecoavam o grito uníssono:

– Salve-se quem puder e se aproveite quem puder!

O que podemos aprender com tudo isso? Como sentir a dor do outro se não estou em sua pele? Como sentir a dor de pessoas que morreram em países tão distantes? Como ter uma iniciativa se há o sentimento de acomodação e impotência?

De encontro ao egoísmo, presenciaram-se também muitas ações genuínas: profissionais de saúde que foram heróis honrando o juramento de Hipócrates: “prometo solenemente consagrar minha vida ao serviço da humanidade; a saúde e o bem-estar de meu paciente serão as minhas primeiras preocupações”; profissionais da segurança pública, funcionários da limpeza e tantos outros que foram às ruas para garantir a integridade dos que ficaram a salvo em casa; estranhos que se prontificaram para fazer as compras de idosos e de vulneráveis em grupo de risco. Ressaltem-se, em especial, os que semearam a paz diante de situações e opiniões contrárias sem

levantar bandeiras partidárias; pessoas que se mobilizaram para doar cestas básicas e oferecer amparo psicológico; até mesmo os que apenas ofertavam uma ligação de conforto para um amigo ou um familiar distante ou fazia uma singela prece de coração em favor do planeta.

“Levanta cedo, logo que tenhas despertado, sem ficar deitado indolentemente na cama, meio sonolento e meio desperto. Então, reza com fervor pedindo para que toda a Humanidade possa ser regenerada espiritualmente, que aqueles que estão lutando no caminho da verdade possam ser encorajados por tuas preces, que trabalhem com mais ardor e que obtenham sucesso, e que tu possas ser fortalecido e não ceder às seduções dos sentidos”, Helena Petrovna Blavatsky.

A presente **Antologia Novos Horizontes** nos convida à reflexão para desenvolvermos uma humanidade que trabalhe de forma construtiva, agregue valores, diante de uma pandemia que deu um diagnóstico da pequenez dos que não conseguiram praticar a solidariedade, a empatia e a compaixão. E nos convoca a sermos ativos, combater o egoísmo e a passividade; fazer sempre o nosso melhor e estender os nossos limites. Mesmo diante das injustiças, ter a dignidade de se comprometer com o bem, sendo o exemplo, o cultivo da luz.

Assim como o mito grego de Teseu e o Minotauro que nos instiga a mergulhar em labirintos interiores. O grande guerreiro Teseu enfrentou com bravura o terrível monstro Minotauro, que tinha o tronco e a cabeça de touro e o restante do corpo na forma humana. Teseu entrou no Labirinto de Creta e matou a fera. Como vencermos o nosso Minotauro? O processo de transformação do mundo começa pela renovação do interior de cada indivíduo.

Combater e vencer os impulsos, como a cólera, os próprios instintos que nos tiranizam.

“Por isso dediquei-me a aprender, a investigar, a buscar a sabedoria e a razão de ser das coisas, para compreender a insensatez da impiedade e a loucura da insensatez”, Eclesiastes 7:25.

* Raphaela Nicácio da Silva Lopes, escritora, jornalista, professora universitária e editora.



Aglaura Catão

O plantio do amor

Não precisamos do arco-íris
Dentro de nós frondosa alegria
Não precisamos da aurora boreal
Em nós incandescência de espelhos.
Quando a neve cair
Os cuidados serão esquecidos.
Nossos pés fincados
Nossos braços esgalhados
Darão frutos
Seara – O plantio do amor em nós.

Tua voz

Nada desliza mais
Em minha face
Que a tua voz.
Que o relógio de areia
Lentamente se escoe
E a fonte jorrante
Exaurida de sede emudeça
Para que eu possa
Cada vez mais
Ouvir tua voz
A deslizar em minha face.



Alzira Paiva Tavares

Afinando cordas do viver

A vida transcorre de maneira surpreendente, as dores hoje são tão fortes, tão violentas que o viver não é mais o que era antes quando se fazia normal. Um surto de morte varreu a terra, matando milhões de pessoas, e nos colocando em quarentena, em solidão, confinados com todo tipo de proteção para evitar contágio. Os dias passam tristes, e nos levam à reflexão... Não sei o que a pandemia significa, só sei que se não acabar, ela nos engolirá. A ansiedade é o estado de medo do que ainda não aconteceu.

Não sei o que vai surgir desse desafio da natureza, sei que é urgente uma mudança rápida, é preciso parar para meditar, sair da nossa zona de conforto, a doença me assusta e tenho que lutar contra ela, pois amo a vida. O recolhimento à solidão nos faz entender o valor da ética, da família dos amigos da sociedade, da nação. Mas não há nada a temer, quando podemos lutar, por isso é urgente pensar em um mundo Pós -Pandemia, possibilitando mudanças no comportamento da humanidade já que esse vírus atinge o mundo todo.

O distanciamento Social é recomendado pela OMS, Organização Mundial de Saúde impedindo a propagação do vírus principalmente para evitar o contágio entre idosos, e demais pessoas em grupo de risco: isso nos causa depressão. Mas a doença tem o poder de mudar o comportamento da sociedade, e quando isto ocorrer haverá uma explosão de solidariedade.

Só o ato de amar é que será o único meio de se instaurar um futuro decente, promissor com grandes mudanças que possibilitem ao ser humano viver em harmonia com a natureza e com ele mesmo. Nesse momento estamos vendo uma enorme proliferação de solidariedade se apossar das pessoas que passaram a se dispor aos seus

vizinhos em casas, apartamentos e nas ruas.

Não posso ler nem escrever. Se ligar a televisão, o terror vai aumentando, milhões de corpos amontoados esperando, anseio que seus destinos sejam para a Eternidade. Mais tarde, ao tentar dormir, ao rezar, meu cansaço e o medo eram tamanho que não soube fazê-lo. Só lembro que pedi a Deus para poder testemunhar o tempo pós-pandemia, pós-confinamento.

Pela manhã, vi pela TV pessoas se preocupando com bancos de alimentos para aqueles que formam um grande número de moradores de rua. Outras, adotando idosos que moram sozinhos, oferecendo todo suporte com o contato pessoal e virtual, procurando saber como vão, se almoçaram, mostrando que o drama pode ser suavizado e quando podem, tocam, cantam, batem um papo para que se sintam integrados ao convívio social. Videoconferência, encontros virtuais, programados para diminuir a falta de estarmos perto uns dos outros, esperando em breve que essas ações de carinho se transformem e possamos brindar a saúde e nos abraçar.

Essa solidariedade mesclada de carinho e confiança sabemos ser difícil, infelizmente por não termos essa prática, porém esses exemplos são atitudes transformadoras que nos vão ensinar o prazer da comunicação individual e social. São essas tragédias que podem mudar a humanidade e a nós mesmos, através da reflexão.

Desta forma, sentir a força da solidariedade nos proporciona compartilhar com outros o que temos, e é pouco usado, podemos doar roupas, comidas, remédios e bons sentimentos alguns, virtualmente criam jogos por videoconferência procurando integrar as pessoas unindo famílias, amigos. Criam vida diante de nós distanciando os obstáculos, nos fortalecendo frente à propagação desse vírus mortal, possibilitando caminharmos juntos, mesmo achando que não somos capazes, mas estaremos unidos.

A fé nos leva a confiar na esperança e no sublime que é a gratidão, para formarmos um Novo Mundo mais humanizado, mais consciente, mais alegre e feliz.



Ana Prosiní

Esperança

Não sabia por que tinham lhe dado esse nome: Esperança, mas era assim mesmo, e com ele seguiria pela vida afora.

Nascera em Carpina, pequena cidade do interior de Pernambuco, e lá fizera seus estudos; seu desejo era ser dentista; e seus pais se mudaram para o Recife com ela e os outros três filhos para que pudesse concretizar seu sonho.

Formou-se e, como não tinham muitos recursos, começou a trabalhar em consultórios de outros dentistas até juntar dinheiro para montar o seu.

Na faculdade, apaixonou-se por Reinaldo, um colega que parecia retribuir seu amor; namoraram e noivaram; mas quando pensava estar feliz, ele lhe disse que ia se casar com outra.

Chorou um rio de lágrimas, ela que nunca pensara haver tanta falsidade em uma pessoa; desabafou com a mãe, que lhe disse:

– Filha, seu nome é Esperança, nenhum homem merece tantas lágrimas; logo você gostará de outro que a ame e serão felizes.

Esperança passou a se dedicar somente à profissão, o que preocupava a mãe, pois queria que a filha arranjasse um namorado, casasse, tivesse filhos e fosse feliz.

De fato, passados dois anos, Esperança lhe contou que havia conhecido Miguel, um médico que pensava como ela e que, talvez, com ele desse certo.

A mãe apoiava o namoro e recebeu Miguel em casa como se fosse seu filho. Ambos pareciam felizes, e isso era tudo o que a mãe, Teresa, queria.

Esperança voltou a pensar no enxoval e cantarolava pela casa, coisa que não fazia há tempo, até que, um dia, tocaram a campainha, Teresa atendeu, e uma moça, dizendo chamar-se Aurora, perguntou por Esperança.

– Está no consultório trabalhando, disse Teresa.

– Não faz mal, falo com a senhora mesmo. Acontece que o namorado da sua filha é meu marido, e quero que a senhora lhe diga que ela é apenas mais uma de suas namoradas.

Falou e saiu, deixando Teresa sem saber o que fazer. Como destruir novamente o sonho de sua filha? Mas assim deveria ser feito e assim o foi.

Esperança, ao ouvir o que a mãe lhe disse, ficou em estado de choque; aquilo não podia ser verdade; ela confiava tanto nele... Mas, seu espírito forte a fez voltar a si e pensar: ninguém vai me enganar, nunca mais!

No começo foi difícil, mas reagiu e começou a pensar numa forma de ser feliz e fazer outras pessoas felizes sem precisar de ninguém para preencher o vazio que Miguel tinha deixado.

Depois de muito pensar, tomou uma resolução: convidou seus amigos mais íntimos para uma reunião e disse:

– Convidei vocês para falar uma coisa em que venho pensando há algum tempo; algo que não posso fazer sozinha e quero saber se posso contar com vocês. Não vou obrigar ninguém, vou dar um tempo para pensarem e me darem a resposta. É o seguinte, vocês já passaram pelo centro da cidade à noite? Pois é, eu também, e fico imaginando como é que pessoas tão pobres sobrevivem; não podemos resolver o problema de todos, mas podemos ajudar alguns, então o que eu quero é levar o café da manhã para um grupo, nos sábados bem cedinho. E, como eu disse no início, não posso fazer isso sozinha; vocês querem me ajudar?

Qual não foi sua surpresa ao ver que todos concordaram com ela e se propuseram a cooperar.

No começo não foi fácil, as pessoas desconfiavam; não queriam doar; alguns até foram ao local onde ela distribuía os lanches para ver se era verdade o que dizia; constatando que eles realmente se empenhavam, começaram a ajudar e a doar cada vez mais, até que seu trabalho foi aumentando a ponto de precisar de mais ajudantes.

Os amigos de Esperança convidaram outros amigos e, toda sexta-feira à noite, eles se reúnem em sua casa para embalar os pequenos lanches que, para quem recebe, é uma bênção.

Esperança não se tornou uma freira; é muito bonita e tem seus namorados, mas nunca mais confiou cegamente em alguém; pensa neles com a realidade que a vida lhe ensinou.

E, se você passar pelas ruas do centro do Recife ao amanhecer do sábado, verá muitas esperanças distribuindo amor em forma de café da manhã...



Antônia Campos

Domingo de Ramos

Era domingo. Dia em que as pessoas deveriam espalhar seus risos, mas Pedro não conseguia sorrir! Caminhava ao redor da Praça com gente apinhada a esperar o repique do sino para a saída do préstito religioso. No ar havia acordes de músicas sacras.

Veio-lhe à lembrança sua origem de cor negra, não conseguia libertar-se daquele pensamento. Mas havia algo pior que o atormentava, e pensou: “não há neste mundo lembrança dolorosa que não seja serenada”, era aquela paixão por quem lhe era proibido amar e porque a vida o levava àquele encontro! Antes de conhecer este sentimento, amor, nada lhe faltava, era feliz!

Lembrou uma certa conversa com um de seus professores, “ninguém e nada é prisioneiro da ausência de sensibilidade, nem tampouco se fica afastado do convívio social, sem um momento para dar uma fugidinha pela vida”, eram importantes e profundas as palavras do professor Luís, negro igual a ele. Atravessou a praça, entrou numa rua estreita onde residia um ancião, apelidado de Senhor Filósofo. Bateu palmas defronte a sua porta. O senhor que ali morava logo apareceu e o convidou a entrar, oferecendo-lhe uma cadeira. Sentou-se. – Que deseja, meu caro jovem? – Perguntou-lhe o Senhor Filósofo.

Com muita dificuldade, suas palavras pareciam se diluir na boca... pouco a pouco foi se abrindo e falando daquele amor encravado em seu interior. Expôs tudo, vagarosamente, quase soluçando, por fim terminou sua confissão e ainda completou: meus pés, senhor, caminham rumo ao nada e suspirou...

– Haverá alguma solução para ele?

– Sim, meu caro amigo, deixe-me colocar em seus olhos o que está faltando, o brilho da fé!

– De que jeito, se sou tão descrente?– O momento é agora, é assim que as coisas acontecem. Vá depressa encontrar sua felicidade. Borda sua vida de esperança! O moço saiu, mais rápido que um raio, dirigindo-se à praça; o sol sumia, e a moça branca onde estaria?

De repente sua vista bate nos degraus da igreja e vê uma figurinha linda, vestida de rosa a subir os batentes do templo.

– É ela, disse ele. Ainda há um Deus!

– Estava certo que ali renasceria sua vida.

Apressou os passos e por sua sorte, das mãos da moça caiu um ramo verde em forma de cruz; ele mais que depressa o apanhou e lhe entregou, entabulando uma conversa com a bela jovem, alva como a neve.

Entenderam-se, e Pedro teve a eterna gratidão por aquele homem tão simples, chamado de Senhor Filósofo. Tudo deu certo, os jovens se apaixonaram, apertaram-se as mãos a sorrir naquele Domingo de Ramos.



Ariadne Quintella

Penso na guerra. Imagino a paz. Até quando esse sofrimento vai durar?

Isolada em meu próprio apartamento, pelos últimos dois meses, tudo o que consigo pensar é no sofrimento das famílias que perdem novos entes queridos a cada dia que se passa, de maneira repentina e dolorosa, por conta de um vírus transparente que se espalhou pelo Globo. Me pego pensando: até onde poderá ir a realidade humana? Será que a mensagem do Cristianismo já não encontra público ou todo mundo esqueceu, por vaidade, os textos bíblicos? “Amai o próximo como a ti mesmo” nunca foi tão imperativo.

Em casa, com o peso de toda uma vida vivida nas costas, lembro-me de quando estava mergulhada em meus problemas, às vezes tão complicados e multiplicados, que tomavam todo o meu tempo e não me permitiam pensar em mais nada, enquanto hoje, sob a demanda de um vírus violento, o ócio me é imposto através de uma quarentena que nunca se acaba. Um bombardeio de notícias. São matérias, estudos, suposições, e nada esperançoso ou positivo, além dos resultados para covid-19, que ataca um número de pessoas cada vez maior.

Sempre falei muito do Dia do Papai em minhas crônicas, especialmente em uma que foi publicada no dia 9 de agosto de 1976, mas na semana passada, dia 10/05/2020, passei pelo Dia da Mamãe mais solitário de toda a minha vida. Foi difícil enfrentar esse dia sem poder abraçar meu querido filho e meus amados netos, pelos quais sempre me dediquei e rezo todos os dias. Apesar de ter recebi-

do presentes que muito me alegraram, não pelo valor, mas pela única demonstração de carinho que é possível enviar nesse período de isolamento, senti falta dos risos, das brincadeiras, de ver a meninada mais nova brincando, interagindo, descobrindo a vida e, sobretudo, sendo feliz nessa reunião tão importante do ano.

Quando sofro por tudo que estou perdendo, apesar de a dor da saudade corroer-me, me sinto egoísta ao pensar em quantos pais, mães, avôs e avós, perderam seus filhos e netos durante esta terrível pandemia, e jamais poderão dar esse abraço outra vez.

Por isso, a mensagem que quero passar é esta: amem-se e demonstrem afeto sempre que possível, não sintam medo de expor seus sentimentos e declarem carinho pelos seus familiares e amigos, e sejam gratos por poderem esperar por esse abraço tão desejado nesses tempos de escuridão, pois tem pessoas que, nem com isso, podem contar. Vamos, independentemente do momento, celebrar a vida e manter a esperança no peito.

Dissertação sobre o amor

O amor para ser grande
tem que ser inteiro.
Não ser medido em pedaços
para sumir no caminho.

O amor é seiva que corre
para fertilizar a vida e
ao mesmo tempo é
o adubo que leva a
florescer cada canteiro.

O amor também foi maior
sentimento que levou
mulher num gesto mágico
a livrar-se do cativoiro.

Madalena beijou a mão de
Jesus e seu mudo gesto
foi por Ele abençoado.

Assim foi selado o amor
divino que reluziu em outro
momento, o da Crucificação